

População é beneficiada
com cursinho

Página 2

Mau uso do cartão de crédito
prejudica estudantes

Página 4

Câncer de testículo atinge
principalmente jovens

Página 6

Vitral



UNIVERSITÁRIO

Jornal Laboratório do Curso de Jornalismo da UNIARA - Centro Universitário de Araraquara

ANO III - Nº 08 - 2004

Reciclagem de lixo pode gerar R\$ 70 mil por mês



A reciclagem pode gerar uma renda de até R\$ 70 mil por mês para algumas microempresas de Araraquara. Elas utilizam como fornecedores principalmente os catadores de lixo, que andam diariamente pela cidade. Muitos materiais achados no lixo ganham nova utilidade: plástico de garrafa pode futuramente virar um copo descartável ou até balde, já o papelão pode se tornar um caderno, jornal ou caixa de ovo. Os preços desses materiais podem variar de R\$ 0,15 a R\$ 6,30 por quilo, sendo o cobre o mais caro. Porém, os impostos são altos e muitas vezes o rendimento é suficiente apenas para pagar as contas. A prefeitura de Araraquara oferece cursos de reciclagem em vários bairros da cidade.

Pág. 5

Óculos de sol sem qualidade podem prejudicar a saúde



O médico oftalmologista Gustavo Paro explica que os óculos de sol protegem a visão contra os raios solares, mas salienta que podem causar riscos ao usuário quando são vendidos por ambulantes, sem prescrição médica.

Já houve casos de lesões como queimadura da retina e até cegueira.

Página 5

Diferença de idade não afeta relação entre mães e filhas

Independente das diferenças de idade, mães conseguem manter uma relação de respeito e amizade com as filhas adolescentes.

As mães jovens, normalmente pela pouca idade, mantêm uma relação mais conturbada com as filhas, diferente das mães mais velhas que, pela experiência, conseguem entender melhor o universo em que vivem suas filhas adolescentes.

Mesmo com essas divergências, as mães, jovens ou maduras, mostram-se capazes de educar e de ajudar suas filhas a enfrentarem as dificuldades encontradas nas horas mais difíceis.

Página 5

Estudantes gastam mais com festas e baladas

Estudantes chegam a gastar o equivalente a 50% do valor da mensalidade escolar com baladas, incluindo os constantes *happy hours*. Mesmo aqueles estudantes que não trabalham e têm seu curso custeado por seus pais, chegam a gastar até R\$ 100 por final de semana.

Página 4

População é beneficiada com cursinho

Cursinho popular prepara candidatos carentes para o vestibular

Marcela Lopes Ximenes

A comunidade de baixa renda da cidade de Araraquara, é beneficiada com o curso preparatório para o vestibular, o CUCA (Curso Unificado do Campus de Araraquara), uma iniciativa de alunos da Unesp em parceria com a Prefeitura Municipal de Araraquara, por meio da Secretaria de Educação.

As aulas são dadas em três escolas municipais nos bairros da periferia da cidade: a escola Rafael de Medina, localizada no Jardim Martinez, que conta com 160 alunos; Centro Recreativo Zilda Pierri (Caic) Vale do Sol, com 120 alunos, e Caic do Selmi Dei, com 90 alunos. A escola Hermínio Pagotto, do Assenta-



Alunos se preparam para o vestibular na escola

mento Bela Vista, também é beneficiada, mas somente com apostilas doadas pela UNESP. Os cursinhos são destinados a jovens e adultos que

concluíram o Ensino Médio em escolas públicas. Os professores dos cursinhos são alunos bolsistas da Unesp.

Para a seleção, os candidatos passam por uma avaliação sócio-econômica e prova de conhecimentos específicos aplicada pela UNESP.

A coordenadora do CUCA, Carmem Catia Couto, explica que o objetivo do projeto é complementar o conhecimento em nível de ensino médio da comunidade de baixa renda, objetivando o ingresso nas universidades públicas. “Queremos propiciar ensino de qualidade as pessoas carentes”.

Para a ex-aluna do cursinho popular, Renata Braga, o cursinho foi o ponto de partida. Ela conta que após terminar o colegial não tinha chance de entrar em uma universidade sem preparação, e com o cursinho ela conseguiu passar no

vestibular da UNESP, onde cursa o 1º ano de Pedagogia. “O cursinho gratuito foi um estímulo a mais para que eu corresse atrás do meu futuro, e consegui”.

Jhonantan Wiliam Vieira Gomes, um dos professores que trabalha a dois anos e meio com os alunos, diz que o desafio maior é levar conhecimento, interagir com a sociedade, e ficar mais próximo da realidade. “O resultado deste projeto é a maior vitória, porque não estamos aqui só para colocar alunos na faculdade, mas também criar uma consciência sobre o estudo, a alienação, sobre tudo o que faz parte da sociedade”.

Para mais informações sobre o funcionamento do cursinho populares, basta ligar 201-5109.

Informática aos Professores

Nathalia Cressoni Pessa

Um curso de Capacitação em Informática para os professores de 5º a 8º série está sendo realizada no laboratório de informática da Escola Estadual “Coronel Pinto Ferraz” na cidade de Ribeirão Bonito, SP.

O curso teve duração de cinco horas entre os períodos da manhã e a tarde, entre 28 de fevereiro a 08 de maio.

Esse Projeto faz parte do Planejamento Pedagógico do município, e teve como objetivo mostrar aos professores que a informática é uma importante ferramenta pedagógica, sendo fundamental que ele conheça o *software*, que pretende utilizar para problematizar conteúdos curriculares. Com isto, o professor estará apto a mostrar caminhos aos alunos, que poderão utilizar *softwares* educacionais para



Professores do Ensino Fundamental cursam informática

coleta de dados e pesquisas a favor de projetos que os estudantes irão desenvolver com o auxílio do professor capacitado.

As aulas foram ministradas por profissionais da área dentro das empresas “Educativa – Projetos Educacionais (Ribeirão Preto SP),

a Compuway – Ensino Interativo (Orlândia SP), e Iriani – Assessoria e Consultoria Educacional (Ribeirão Preto SP).

A direção e coordenação das escolas fazem o planejamento anual das atividades desenvolvidas nos laboratórios de informática, além de acompanharem de perto os trabalhos. “São utilizados materiais como apostilas, filmes, bancos de aulas, sons e imagens”, afirma a diretora de departamento da educação Soraya C. P. Maselli.

“As escolas estão levando várias vantagens, como projetos personalizados a metodologia da escola; assessoria permanente em assuntos tecnológicos; constante atualização tecnológica dos professores; legalização dos *softwares* de forma gratuita; eliminação de custos com *Software* e Treinamentos; eliminação dos custos de impressão das atividades, e nenhum custo na implantação e manutenção do Projeto”, diz a professora Vanessa de Cássia Passarelli Picolli.



Professores reunidos na sala onde cursam informática

Melhoram índices de alfabetização na Penitenciária

Kelly Leonora Piotto

A penitenciária de Araraquara desenvolve um projeto de alfabetização para dez grupos de alunos instalados no Pavilhão da Educação, sendo duas dessas salas de ensino médio e oito de ensino fundamental.

O projeto de alfabetização é garantido por lei e obrigatório em todos os presídios. As atividades são desenvolvidas pela FUNAP, (Fundação de amparo os presos) com o objetivo de reintegração social do detento ao final de sua pena.

“Além disso, o auto-estima melhora. Dentro da própria cadeia eles sentem valorizados” disse a professora Elenice Camarosano Onofre, coordenadora do curso de Normal Superior da Uniara, que desenvolveu sua pesquisa de doutorado na própria penitenciária de Araraquara.

“O trabalho desempenha um papel significativo na estratégia de reabilitação de cada um”, diz.

Em Araraquara, os professores que exercem essa ati-

vidade são concursados pela própria Funap. Há, por exemplo, voluntários que prestam concurso da FUNAP e hoje são efetivos. E, em grandes penitenciárias, muitos detentos ministram aulas, como de datilografia. Na penitenciária de Araraquara, existem três professores contratados pela FUNAP e mais quatro estagiários voluntários, sendo que todos, obrigatoriamente, devem ser homens. Os professores realizam as atividades com materiais didático doados pela população, e escolas particulares. Os detentos não são obrigados a frequentar as aulas, mas que em 2003, segundo a coordenação da Penitenciária, houve um avanço muito positivo. Dos 51 presos que iniciaram as aulas de ensino médio, 41 concluíram, passando assim para o ensino fundamental.

As aulas ocorrem em dois períodos, de manhã, das sete às nove, e à tarde, do meio dia as duas. A taxa de analfabetos varia de 30 à 40%, mas o projeto já teve avanços e, segundo a direção da penitenciária, todo ano vem surgindo novas salas de aulas.

O **Jornal Vitral Universitário** é o jornal-laboratório do curso de Jornalismo do Centro Universitário de Araraquara – Uniara, produzido por estudantes do 3º ano e distribuído em universidades e bancas de revistas.

Reitor do Centro Universitário:
Prof. Luiz Felipe Cabral Mauro

Chefe do Departamento de Ciências Humanas e Sociais:
Prof. Mivaldo Messias Ferrari

Coordenadora do Curso de Comunicação Social:
Profa. Elivanete Zuppolini Barbi

Professores Orientadores:
Profa. Assunção Cristóvão
Prof. Daniel do Carmo

UNIARA
Rua Voluntários da Pátria, 2222 – Araraquara – SP
Fone: (16)201-7100

Editores:
Antonio Márquez Junior
Ariane Padovani
Décio Ribeiro Junior
Fábio Taconelli
Janaina de Fátima Lourenço
Joice Starke
Patrícia Amaral Guerra
Thais Leonel do Vale
Tiago Andreguetto

Repórteres:
Alessandro Luiz Bocchi
Aline Messi
Camila Astorino
Carolina Giliolli Goss
Cátia Ferreira
Daiana Benedicto
Daniel Sigolo
Fernanda Cavicchia
Fernanda Friedl

Flávio Darini
Jocassia Canaverde
Juliana Previdelli
Kelen Trevisan Fernandes
Kelly Leonora
Leandro José Simões
Lia Fernanda Bonadio
Luciano César Silva
Maria Ester Cassiano
Marina Duque
Nádia P. de Chico
Nathalia Pessa
Patrícia Magalhães
Paula Sanches
Paulo Mantoanelli
Raquel Moura
Rita Nardocci
Samira Manfrinato
Sérgio Felipe Santilho
Simone Garbulho
Teresa Genaro

Thiago Oliva
Valesca Mendonça
Vanessa Martins
Ximene Hebling
Waldirene Biernath
Waldirene Marcilli

Fotógrafos:
Daiane Benedicto
Emerson Camargo
Marcela Ximenes
Micheli Pelaes
Norma dos Santos
Plínio C. Silva
Stefania Roceti
Tatiane Costa
Thiago Cunha
Vitor Filardi

Produção:
Fullgrafics Ribeirão

Óculos de sol podem prejudicar visão

Comprar óculos sem especificação médica pode causar descolamento de retina

Lia Fernanda Bonadio

Mais que acessórios de moda, óculos escuros são uma forma segura de proteger os olhos dos efeitos prejudiciais do sol. Suas películas filtram os raios ultravioletas e funcionam como um bloqueador solar ocular. Os problemas começam quando entram em cena os óculos vendidos pelos ambulantes.

De acordo com Dr. Gustavo Paro, médico oftalmologista, “os raios solares, como naquela experiência que aprendemos na escola com uma lupa e queimamos um papel, tem muita energia, sendo capaz de colcar fogo no papel!”. Mesmo a natureza humana tendo feito dos olhos um jogo perfeito de lentes, uma exposição incorreta ao sol pode causar algumas lesões.

A curto prazo provoca “lesão aguda que é uma queimadura da retina (membrana responsável pela captação das imagens) com perda imediata da visão que pode voltar ao normal ou deixar seqüelas, cuja gravidade depende do tempo e da intensidade da irradiação. A longo prazo pode causar lesão crônica que provoca uma lenta alteração do metabolismo das células (distrofia ou degeneração), devido a ação direta dos raios solares associados a uma predisposição genética, podendo levar a perdas parciais da visão ou até mesmo a ce-



Antes de comprar óculos de sol, procure médico oftalmologista

gueira”, esclarece o médico.

Segundo Douglas Danilo Pereira, técnico em Óptica com ênfase em Opmetria, o problema dos óculos escuros está no fato de a lente escura dilatar a pupila e deixar a vista diretamente exposta aos raios ultra violetas.

Quando os óculos não possuem

uma boa lente com a proteção UVA, UVB e contra os raios ultra violetas, como os vendidos pelos ambulantes que trocam as lentes por plásticos coloridos, podem surgir problemas como astigmatismo (má formação de imagem) e catarata. O caso se agrava quando esses óculos chegam a apresen-



Vaidade põe visão em risco

tar dioptria (grau) de até 0,25°. Além disso, estudos feitos nos Estados Unidos comprovam que um dos maiores causadores da catarata são os raios ultra violetas. Outros sintomas físicos podem ser sentidos ao se usar óculos sem a proteção necessária, como dor de

cabeça, distorção de imagens, dor e irritação nos olhos.

De acordo com o técnico, “preço alto de óculos de sol não é sinônimo de qualidade, é sinônimo de grife”. Assim como o preço alto, a cor da lente, seja ela marrom, cinza ou G15 (verde), não interfere na proteção dos olhos e não é sinal de segurança para a visão. Cláudia Chiuzi, 30 anos, acostumada a comprar óculos sem a devida proteção solar, mudou de atitude ao passar por terríveis dores de cabeça e até náusea. Segundo ela, a grande variedade de formatos, tamanhos e cores por um preço bem baixo acaba seduzindo a grande massa da população que não tem dinheiro para gastar cerca de até um salário mínimo em óculos de boa qualidade. Mesmo assim, afirma ela, “vale a pena pagar mais caro para garantir uma boa visão futura e não prejudicar minha saúde”.

Muita atenção

Conheça a procedência dos óculos

Um teste simples pode ajudar a comprovar se o óculos escuro é de boa procedência. Siga passo-a-passo as orientações e comprove a qualidade de seu óculos:

- 1 – Vire-o de frente para os olhos;
- 2 – Fixe o olhar num objeto;
- 3 – Aproxime e afaste os óculos dos olhos várias vezes.

Depois de ter seguido estas etapas, a imagem do objeto não pode sofrer nenhuma distorção de tamanho e de nitidez, para que seja atestada a qualidade do produto.

Entidade luta pela recuperação de dependentes

Grupo Amor Exigente recupera 60% dos dependentes químicos que procuram a entidade

Vanessa Martins

Cerca de 100 pessoas de São Carlos assistem às reuniões do Amor Exigente (AE), um grupo de apoio ao usuário de drogas e seus familiares. O grupo existe no município desde 1996 e já atendeu cerca de 80 dependentes. As reuniões acontecem às 2as e 5as feiras, às 20 horas, no espaço cedido pelo grupo Salesianos. Os participantes dividem-se em duas salas, uma para os dependentes químicos e outra para os familiares.

A voluntária do grupo, Fernanda Cristina Cremasco, explica que os dependentes que procuram ajuda assistem às palestras e, quando necessário, deslocam-se para as comunidades terapêuticas localizadas em Campinas, Taquaritinga, Jaboticabal e Monte Alto. “Essas pessoas ficam nas unidades durante aproximadamente oito meses. Cada comunidade abriga cerca de trinta jovens, sendo que a porcentagem de recuperados chega a 60%”, calcula.

O pai de Fernanda, Orides Carlos Cremasco, coordena o grupo Amor Exigente de São Carlos e seu irmão, Orides Carlos Cremasco Jr, dependente químico em recuperação há sete anos, também é voluntário.

De acordo com Orides, o Amor Exigente trabalha com base no programa *Thouglove*, idealizado nos anos 70 pelo casal americano David e Phyllis York, que tinha três filhas, todas envolvidas com drogas. “Era, de certa forma, um movimento reacionário, contra a linha extremista de liberalidade e exageros na valorização da crian-



AA: grupos tentam recuperar viciados e reintegrá-los à sociedade

ça e do adolescente. A maioria dos profissionais culpava os pais por todos os desmandos dos jovens, deixando neles, um sentimento de desamparo e confusão. O movimento rapidamente se fortaleceu e rompeu as fronteiras americanas”, disse Orides.

Ele salienta que no começo dos anos 80 o Padre Haroldo J. Rahm, jesuíta nascido nos Estados Unidos, mas morando no Brasil, ao tomar conhecimento da proposta, imediatamente adotou-a. Pouco tempo depois, o livro foi traduzido começou a tentativa de

Os doze princípios do AE

1 – Os problemas da família e da escola são inerentes ao mundo atual.

2 – Pais, familiares e professores também são gente.

3 – Os recursos materiais e emocionais dos pais e dos professores têm limites.

4 – Pais e filhos não são iguais. Professores e alunos não são iguais.

5 – A culpa torna as pessoas indefesas e sem ação. É tempo de parar de se culpar e culpar o outro e de começar a agir com novos propósitos.

6 – O comportamento dos filhos afeta os pais; o comportamento dos pais afeta os filhos; o comportamento dos alunos afeta os professores; o comportamento dos professores afeta os alunos.

7 – Tomar atitude ou fechar

questão pode precipitar uma crise e gerar um impasse. Portanto, devemos tomá-las em equipe.

8 – Das crises bem administradas surge a possibilidade de mudanças positivas.

9 – As famílias precisam dar e receber apoio na comunidade e na escola, para que possam mudar sua atitude e a atitude dos filhos/alunos.

10 – A essência da Família e da Escola repousa na cooperação, não na convivência. É preciso viver a Cooperação se quisermos ensinar Cooperação.

11 – A Exigência na disciplina tem o objetivo de ordenar, organizar nossa vida, de nossa família e da escola.

12 – O Amor com respeito, sem comodismo deve um amor que exige, orienta e educa.

organização do grupo no Brasil. Em 1987, Mara Silvia Carvalho de Menezes, à frente do movimento, adaptou o Amor Exigente ao contexto brasileiro. Aos dez princípios do programa americano, ela acrescentou mais dois (*ver acima*) e a partir desses doze princípios, apresentou preceitos sem fronteiras para a organização da família. De lá para cá, o movimento cresceu e espalhou-se por todo o país.

O secretário do grupo Amor Exigente de São Carlos, Oswaldo Gomes da Silva, ressalta que o AE é

um novo enfoque para verdadeiros e comprovados conceitos de educação. É uma proposta comportamental, destinada a pais, orientadores, educadores e familiares como forma de prevenir e solucionar problemas com os alunos, filhos e outros parentes. Em grupos de apoio e ajuda mútua do Amor Exigente, os pais, professores e familiares são encorajados a agir em vez de só falar; são desencorajados de usar violência ou agressividade e levados a construir a cooperação familiar e comunitária.

Renda é instável na vida dos Híppies

“Essa semana vendi apenas R\$ 5,00, e comprei um pacote de fralda para meu filho”

Rita Nardocci

A vida de um híppie possui uma grande instabilidade financeira, isso ocorre porque eles não obtêm um salário fixo por mês, podendo ganhar R\$300,00 ou R\$5,00 ao dia. Esse valor depende da temporada de férias e do lugar onde estão trabalhando no momento.

Todos os dias podemos observar os artesanatos dos híppies que trabalham em frente ao Centro Universitário de Araraquara-Uniara -, aparentemente eles são apenas vendedores com estilos de vida diferente. Mas a realidade é que esse trabalho movimenta muito pouco dinheiro na cidade, e poucas são as pessoas que sabem das dificuldades enfrentadas por eles.

Alê e Adriano são nascidos em Araraquara e, por esta razão optaram pela porta da Uniara como ponto de venda. Além de ser o lugar mais movimentado das noites da cidade, ainda estão em sua cidade de origem, mas não é daqui que saem seus maiores investimentos. “Essa semana vendi apenas



Híppies comercializando seus produtos com Universitários.

R\$ 5,00, que deu para comprar um pacote de fralda para meu filho”, conta um dos híppies, mas ele afirma que existem épocas melhores.

Os colares, brincos e pulseiras confeccionados por eles possuem

como matéria-prima sementes, folhas secas e casca de coco, que na maioria das vezes pode ser encontrada na própria natureza, o que não gera gastos; Mas alguns acessórios como arame ou energia para

remodelar o material custa dinheiro e isso acaba saindo caro para quem muitas vezes não possui nem moradia própria.

Os híppies freqüentemente dormem de favor nas casas dos ami-

gos ou até no meio da rua e tudo o que ganham gastam nas redondezas do lugar onde estão, com alimentação, remédios e outros itens de sobrevivência.

Eles afirmam que muitas vezes tiveram que pedir um prato de comida para poderem sobreviver, e relatam que uma vez, na cidade de Curitiba, quase morreram de tanto frio porque não tinham com o que se aquecer. Mas a pior dificuldade é o preconceito que enfrentam por parte das pessoas que os julgam sem conhecê-los de verdade achando que eles podem roubar ou fazer-lhes algum mal.

Outro fator que dificulta suas vidas é a lei que os obriga a pagarem uma taxa para trabalhar como vendedor ambulante, dinheiro que eles quase nunca possuem, pois o que ganham durante o ano mal dá para o seu próprio sustento.

Isso leva os híppies a não ter lugares fixos e nem uma renda certa, para contribuir com os impostos exigidos pela cidade, apenas movimentam dinheiro nos locais em que estão momentaneamente, o que chega a ser insignificante.

Cartão de crédito prejudica estudantes

A possibilidade de comprar o que deseja e pagar depois induz muitos jovens a usarem o cartão de crédito.

Waldirene L. Biernath

O cartão de crédito pode ser de grande utilidade, principalmente quando surgem emergências ou quando não é aconselhável carregar dinheiro. Porém, se não for usado com responsabilidade ele pode afundar seu portador em dívidas.

Há empresas administradoras com políticas agressivas para atingir os jovens, principalmente no período de faculdade, quando vão morar sozinhos ou em repúblicas, exatamente quando adquirem certa independência dos pais, e ainda não sabem como administrar sua vida financeira.

Na maioria das vezes a pessoa recebe o cartão pelo correio sem ao menos tê-lo encomendado e, atraído pelas vantagens que a administradora oferece e pela idéia do “compre agora e pague depois”, ela aceita o cartão sem antes analisar os prós e os contras. De acordo com um relatório encomendado por um jornal americano, triplicou o número de jovens no mundo inteiro, na faixa de 20 a 23 anos, atolados em dívidas que pedem ajuda ao serviço de Aconselhamento de Crédito por causa dos cartões de crédito.

A estudante Shirley Pereira Machado, 23 anos, diz que costumava trabalhar com três cartões de crédito de diferentes administradoras, mas logo que perdeu o emprego se viu endividada a ponto de ter que se desfazer de uma moto para sanar as dívidas.

“Eu mantinha o controle pagando apenas a parcela mínima mensal de cada cartão, mas aconteceu de eu ser despedida e aí eu perdi o controle. Não podendo pagar em dia, as parcelas foram ficando cada vez mais altas por causa dos juros, então eu fui obrigada a vender a minha moto pra sair do sufoco”, comenta. Já a estudante Cláudia Pontes, 19 anos, diz que foi proibida pelos pais de usar o cartão.

“Eu tinha o meu cartão que era



Universitários optam por cartão nas compras

ligado ao da minha mãe, eu era dependente dela. Teve um mês que eu fiquei desatenta e passei do li-

mite. Minha mãe ficou brava e cortou a minha conta”, lamenta a estudante.

A consultora financeira Kenya Orlandes esclarece que comprar com cartão é basicamente o mes-

mo que tomar dinheiro emprestado. Em geral a pessoa recebe um extrato perto do final do mês, indicando as compras que foram feitas com cartão bem como o total de sua dívida. O extrato mostra também quanto se deve pagar de imediato. O problema é que, se atrasar o pagamento, a pessoa estará sujeita a juros cobrados sobre o montante devido. E os juros dos cartões podem ser altíssimos.

“As dívidas podem se transformar em uma bola de neve, e antes que a pessoa se dê conta, a parcela mensal mínima talvez esteja cobrindo pouco mais do que os juros”, explica a consultora, e ainda acrescenta: “Citando um exemplo hipotético, se a pessoa tiver um saldo a pagar de R\$ 2000,00 a juros de 18,5% (os juros do cartão variam de acordo com a administradora) e uma parcela mínima baixa, levará 11 anos para saldar a dívida e terá de pagar um custo adicional de R\$ 1.934,00 só de juros”.

O estudante Lucas Vergueiro, 21 anos, comenta que só usa o cartão em último caso, e mesmo assim procura financiar suas compras em parcelas bem pequenas para evitar surpresas no final do mês.

“Eu estipulo uma quantia por mês e não ultrapasso. Quando percebo que está chegando perto do meu limite eu manero nos gastos. É difícil controlar porque o limite oferecido às vezes é bem generoso e te induz a gastar bastante”, explica o estudante.

Para evitar surpresas na conta do cartão, a consultora Kenya Orlandes dá algumas dicas: pagar as dívidas em dia, para não sujar o nome; manter um registro de todas as compras e verificar todos os extratos mensais; não aceitar todas as propostas de cartão sem antes analisar se valem a pena e se realmente há necessidade de um; quando possível, pagar o total da dívida a fim de evitar juros altos sobre o saldo; e sempre usar o cartão de forma racional, evitando usá-lo como forma de conseguir dinheiro fácil.

Inadimplência cresce 1,3%

Cátia Regina Ferreira

Estudos da Serasa, maior empresa do Brasil em análises econômico-financeiras para apoiar decisões de crédito e negócios, e referência mundial no segmento, revela que o número de cheques devolvidos em Janeiro de 2004 teve um aumento de 1,3% em comparação ao mesmo mês no ano anterior. Este ano, a cada lote de mil cheques, 15,6% foram devolvidos, sendo que no ano passado a devolução foi de 14,3% por lote.

Eduardo Tadeu Funk, gerente do Banco Nossa Caixa Nosso Banco de Jaboticabal (SP) - Agência Fórum, explica que quando o cheque volta pela se-

gunda vez o cliente não tem a conta encerrada, perde apenas o talão de cheque e, para ter seu cheque de volta, tem que apresentar carta de anuência ou o cheque.

Segundo Rosemary Aparecida Boer Teciano, funcionária do sistema de consulta SPC e SERASA de Jaboticabal, “enquanto a inadimplência cresceu na SERASA, o número de nomes incluídos no Serviços de Proteção ao Crédito (SPC) diminuiu 16% em relação ao ano passado. Já o número de pessoas que retiraram seu nome do SPC chega a 24% a mais em relação a 2003”.

De acordo Daniela Santucci, da Serasa, “o primeiro semestre do ano concentra as marcas mais altas de inadimplência com cheques, que ocorrem por conta do alonga-

mento de prazos praticados nas vendas com cheques pré-datados no final do ano”.

Daniela explica que este ano a situação se agravou devido ao aumento das vendas no varejo em dezembro de 2003, e à permanência de uma conjuntura não favorável ao consumidor que precisa ser melhorada: juros elevados, altas taxas de desemprego e renda em queda, agravada pelos fatores sazonais, como a concentração de impostos.

A não correção da tabela do imposto de renda e a criação de novas taxas também têm contribuído para a diminuição da renda familiar disponível para o pagamento de compromissos e para o consumo.

Reciclagem gera até R\$ 70 mil por mês

Apesar da reciclagem ser um trabalho artesanal, pode render à empresários até R\$ 70 mil

Carolina Goos

A palavra reciclagem está associada a termos como artesanal e lúdico mas, para algumas microempresas, ela pode gerar uma renda de até R\$ 70 mil por mês. É o caso da empresa “Comércio de Sucata”, de Mário Oto envolvido com reciclagem há 25 anos, que apesar desse rendimento diz que o lucro é muito pequeno devido ao alto preço dos impostos.

Seu filho, Marx Oto, gerente da empresa relata como funciona o processo de compra e venda dos materiais recicláveis. “Geralmente os fornecedores do material a ser reaproveitado são os catadores lixo, que perambulam pela cidade diariamente. Em seguida num quadro às vezes insignificante vêm às indústrias.

Os preços são definidos por tipo de material e peso, por exemplo: o plástico de garrafa que vai futuramente se tornar copo descartável ou balde é comprado a R\$ 0,50; o papelão, que se transformará em caderno, jornal ou caixinha de ovo vale em média R\$ 0,15; o quilo do metal chega a valer R\$ 3,50. Mas o campeão sem dúvida é o cobre que chega a custar R\$6,30.



Homens separam material para reciclagem

Ota confessa que atualmente não se consegue mais ganhar dinheiro com reciclagem e sim trabalhar somente para pagar as contas. “Os impostos são altos e como somos parte de uma classe de pequenos empresários, os impostos levam todo nosso dinheiro. Há dez anos atrás era melhor”, desabafa o empresário que pensa, mesmo com dificuldade em

continuar a atividade do pai.

“A mão de obra encarece o trabalho. O material a ser reciclado vêm muitas vezes sujo e não é qualquer pessoa que está se dispõe a separar e lavar o lixo”, esclarece Marx.

Geração de renda

Maria das Graças Tidei, a Maza como é conhecida no meio artísti-

co, trabalha, há 15 anos com material reciclado, e nos últimos três anos é parte de um grupo de professores que oferece oficinas de reciclagem pela Secretaria Municipal de Cultura de Araraquara. Por ela já passaram mais de 700 alunos, distribuídos em bairros como Selmi Dey, Jardim Pinheiro, Yolanda Ópice e também na Casa

da Cultura. São adolescentes, senhoras e desempregados, que encontraram dentro das oficinas uma maneira de ganhar dinheiro e também de retomar a auto-estima. Alguns dos produtos reciclados são expostos e o vendidos no “Projeto Choro das Águas”, todos os domingos no Departamento de Água e Esgoto de Araraquara (DAAE), no bairro da Fonte Luminosa.

As Oficinas de Carnaval são um outro exemplo de que a reciclagem é um meio de auto sustentação. “Além dos alunos utilizarem a criatividade, e tomarem conhecimento de que o meio ambiente deve ser preservado, eles também descobrem que depois do lixo limpo é possível fazer maravilhas, como penas de TNT, que enfeitou o carnaval araraquarense”, fala Maza.

A amplitude das oficinas é muito grande. Hoje as próprias comunidades selecionam o lixo, lavam e o deixa pronto para serem transformados em bijuterias, enfeites, arranjos e brinquedos.

Maza afirma que uma turma de 30 alunos tem seu número dobrado no decorrer do curso e que, quando os alunos chegam nas comunidades, acabam possuindo uma necessidade muito grande de apresentar e de ensinar como se recicla, fazendo com que o processo se fortaleça.

Alunos gastam 50% da mensalidade em festas

Proprietário de bar diz que tem planos de expandir seus negócios

Luciano Alarcón

Universitários em Araraquara chegam a gastar até 50% do valor da mensalidade em baladas. Alguns desembolsam R\$50 por final de semana, sendo que muitos apenas estudam e dependem dos pais para suas saídas.

Segundo Gustavo Luiz Pesse, estudante do terceiro ano de direito Uniara, seus gastos por final de semana giram em torno de R\$ 50. “Se a balada for boa, gasto até R\$ 100 por final de semana”, explica Pesse. Ele que trabalha com o pai, diz que não existe problema, pois sempre que precisa pede ajuda é atendido. No entanto, Pesse lembra ainda que esse gastos aumentam quanto o carro está sem combustível. “Aí a coisa fica um pouco mais cara, mas está dentro dos R\$ 100”, afirma.

E não para por aí. Entre uma aula e outra, existem os intervalos, que na maior parte das vezes se tornam verdadeiros Happy Hour. E assim, entre uma cervejinha e outra, mais R\$ 12 se vão. Em rápidos cálculos feitos por Pesse, ele chega à conclusão de que por mês, gasta cerca de 50% de sua mensalidade em baladas e happy hours.

Araraquara tem quatro universidades que trazem para a cidade cerca de nove mil alunos a cada ano. Essa grande quantidade de universitários traz para a cidade muitos dividendos, tanto no setor imobiliário quanto no setor de eventos. É este setor que está em franca ascensão, pois, do ano passado para cá foram abertos três bares novos na rua Carlos Gomes, e outro bar tem planos para mais um estabelecimento na avenida Bento de Abreu.



O mercado é impulsionado por universitários

Mas esse mercado é impulsionado por universitários sedentos por festas, que chegam a gastar 50% do valor de sua mensalidade em festas e bebidas. Entre mensalidade, gastos com xerox e livros, e para alguns alunos o transporte até a faculdade, estudar fica em torno de R\$ 550.

Já Ana Beatriz Assunção, estudante do terceiro ano de Direito e amiga de Pese, afirma que seus gastos podem ser um pouco mais elevados do que o do amigo. Ana, que não trabalha, diz que tem que pedir dinheiro ao pai para sair. “Meu pai sempre reclama quando eu peço dinheiro, mas logo esquece”, declara. Ela disse que gasta o mesmo tanto valor o amigo, com a única diferença que, em muitas festas, as mulheres não pagam a entrada, o que faz sobrar mais dinheiro para ser gasto com bebidas. Ela também lamenta um pouco pelo

fato de ter de pedir dinheiro ao pai, mas enquanto não conseguir um emprego isso se repetirá por muitas vezes.

Bar do Torresmo

Essa grande demanda por festas e baladas é tão interessante para o comércio central quanto para o comércio da cidade com um todo. Para o empresário Alcir José Campagnollo, proprietário do bar Brasileirinho, o movimento é bom de segunda a segunda, pois, segundo ele são vendidas aproximadamente 100 caixas de cervejas - cada caixa traz cerca de 24 garrafas de 600 ml - entre segunda e sexta-feira. E cada garrafa é vendida por um preço médio de R\$ 2,20. Campagnollo diz que está há 18 anos no mesmo local e que tem planos de expandir seus negócios, abrindo um outro bar na avenida Bento de Abreu principal artéria da cidade.

Universitários gastam mais com moradia

Física, afirma que já chegou a pagar 200 reais, sozinha, por um apartamento.

A maior procura nas imobiliárias é por kitnets, pois o preço é mais acessível do que casa ou apartamento. Além disso, há pouca oferta de imóveis para estudantes. “As imobiliárias de Araraquara não têm infra-estrutura para estudantes, pois encontram-se com deficiência nesse setor”, afirma o vendedor de imóveis Felipe Tramontano Sousa. Em relação a preço, segundo Tramontano, houve um aumento no setor imobiliário de 8% este ano. Os contratos fechados variaram, segundo o vendedor, de 200 a 800 reais.

O segundo item que compõe a lista de gastos dos universitários é o transporte dos alunos que moram fora e que vão para suas cidades todos os finais de semana. Eles chegam a gastar em média até 100 reais, informa a estudante Gracieli. “Prefiro os feriados prolongados para ir para casa, pois gasto muito”, disse a aluna de Educação Física.

O que também acompanha a lista de gastos são contas de telefones geralmente bem altas, e gastas na maioria das vezes com ligações interurbanas para seus parentes, ultrapassando 70 reais por mês. Ao todo, os gastos com mensalidade e custos adicionais vão de 400 a 1000 reais por mês. A maioria dos estudantes depende ainda de pais que bancam a faculdade, moradia e festinhas; outros trabalham para complementar a renda familiar e ajudar na mensalidade.

Teresa Genaro

Os gastos dos universitários que estudam em Araraquara e que vêm de cidades vizinhas e de outros estados é bem maior com a moradia do que com outras necessidades essenciais como, por exemplo, alimentação, telefone, transporte, roupas, aluguel, livros, xerox e também festas que são comuns na fase universitária. A aluna do 3º ano de Jornalismo da Uniara, Jocássia Avelar Canaverde, por exemplo, de Nova Resende MG, disse, em entrevista ao “Jornal Vital”, que gasta mais com moradia do que com a própria faculdade.

Já Gracieli da Silva, de Presidente Epitácio (MS), estudante do último ano de Educação

Saúde conta com projetos sociais

Empresas de São Carlos beneficiam a cidade com Projetos voltados para a Saúde

Leandro Simões

Empresas de São Carlos (SP) criam projetos sociais em prol da comunidade. Esses projetos abrangem, dentro da área da saúde, vários métodos de beneficiar a sociedade, como doações de roupas, remédios, campanhas de alimentos e antidrogas, auxílio à comunidade, construção e reformas em prédios hospitalares.

A Prefeitura Municipal de São Carlos, junto ao Ministério da Saúde, conseguiu viabilizar para a cidade um capital de R\$ 3 milhões para a primeira fase das obras do hospital escola. Segundo a Assessoria de Imprensa da Secretaria de Saúde do município, São Carlos tem um número de leitos hospitalares abaixo do que a população precisa. A cidade conta com 376 leitos e precisaria de 595. Com o novo hospital, que será instalado em área de um antigo frigorífico, a cidade vai ganhar 220 novos leitos hospitalares.

O grupo Unimed, através de projetos e campanhas como Projeto Saúde Brasil, em parceria com a Embrapa Pecuária Sudeste, estimula nas crianças e nos jovens a aquisição de hábitos alimentares saudáveis, mediante dieta correta, fortalecimentos dos laços com os ambientes urbano e rural, e o conhecimento das diversas cadeias produtivas, além de conscientizar para a prevenção da saúde e para melhor qualidade de vida. Participaram da última edição do projeto aproximadamente 6.000 adolescentes. Outra campanha que



Maquete do futuro Hospital Escola de São Carlos

a Unimed vem promovendo são as ações comunitárias. O evento tem a finalidade de promover atividades interativas e de conscientização preventiva para várias doenças que mais afetam as pessoas nessa faixa etária. Como parte das atividades, são realizadas palestras pelos médicos cooperados da Unimed São Carlos, além de exames de dosagem de glicemia e colesterol, verificação da pressão arterial e distribuição de folhetos explicativos sobre doenças relacionadas à terceira idade.

Com intuito de promover a integração entre a classe médica e a comunidade, foram realizadas várias reuniões entre a Sociedade

Médica, Unimed e Santa Casa de São Carlos para viabilizar a comemoração ao Dia do Médico com evento no qual serão oferecidas atividades gratuitas voltadas à prevenção da saúde, como um evento na praça central da cidade, com exames preventivos de diabetes, colesterol, pressão arterial, índice de massa corporal, cuidados com os pés, caminhada de saúde, etc. Durante o evento são apresentadas atrações educativas e culturais. Aproximadamente 1.800 pessoas participaram na última edição.

Outra empresa privada da cidade de São Carlos, a Faber-Castell, também promove ações

sociais para a comunidade local. Segundo Maria Camarinho, assistente social da empresa, “esses programas visam favorecer a participação dos colaboradores em atividades voluntárias para as comunidades nas quais a indústria está inserida, difundindo o comprometimento da empresa no âmbito da responsabilidade social.”

O objetivo geral do Programa é conscientizar o colaborador de seu papel nas transformações sociais e beneficiar a comunidade, que poderá contar com o incremento na prestação de serviços na área social através do incentivo às instituições locais, que receberão apoio

para melhoria de sua infra-estrutura, por meio de ação voluntária dos colaboradores em favor da melhoria da condição social de sua comunidade e de contribuição financeira da Faber-Castell, na manutenção de parte do custo dos projetos.

“O programa favorece instituições de assistência à criança, ao idoso, meninos de rua, grupos de tratamento de dependentes químicos, escolas e hospitais públicos da comunidade. Para doação de recursos financeiros a instituição deve estar legalmente documentada, com CNPJ e Declaração de Utilidade Pública municipal, estadual ou federal. As instituições não legalizadas poderão ser beneficiadas pelo trabalho voluntário, excetuando-se a doação de recursos financeiros. Para garantir a continuidade do programa, a coordenação do projeto realiza reuniões periódicas com os voluntários para avaliar, orientar e planejar atividades.”, enfatizou Maria Camarinho.

O munícipe Maureli José Pereta, do Jardim das Torres, afirmou que ações voluntárias voltadas para a área da saúde são muito importantes, pois a área está precisando de melhorias. Já para o serralheiro Edgar Bezerra da Silva, a Prefeitura teve seu melhor desempenho quando conseguiu viabilizar a verba para a construção do hospital escola na cidade. A auxiliar de produção Ana Lúcia Arraes, residente no bairro de Santa Felícia, enfatizou que os programas promovidos pela Unimed ajudaram a informar sobre como aplicar a higienização correta do dia-a-dia.

Câncer de testículo atinge principalmente jovens

Homens entre 15 e 35 anos, com vida sexual ativa, são as grandes vítimas desta doença

Daniel R. Sígolo

Apesar de ser muito raro, em uma proporção de cinco a oito casos entre cem mil homens, o câncer de testículo se torna um agravante entre os homens. Isto se dá pois este se desenvolve principalmente em jovens sexualmente ativos.

O fato deste câncer ocorrer principalmente nestes jovens, ele pode ser facilmente confundido ou estar mascarado por orquiepididimites, que são inflamações no testículo, que fazem com que o mesmo inche, já que o principal sintoma do tumor é o inchaço.

Segundo o Dr. Orlando Sergio Ratto, oncologista clínico, quanto antes o câncer for diagnosticado mais chances o paciente tem de se curar. “Na primeira impressão que o testículo esta aumentando de tamanho, deve-se procurar um urologista o mais rápido possível, já que a doença se prolifera muito rapidamente” explica.

Dr. Orlando diz ainda que a doença não tem grandes ligações com a hereditariedade, porém ela é muito mais comum ocorrer em pessoas que tiveram algum histórico problemático com o testículo. “A doença ocorre em boa parte em pessoas que quando crianças, os testículos não descenderam para a bolsa escrotal, o que faz com que ele sofra alterações genéticas, ou seja, ele fica por muito tempo em uma temperatura muito superior ao da bolsa, que é a correta, isto faz com que os genes se alterem e futuramente possam ocasionar o câncer”.

O tratamento deste câncer, em



Área afetada pelo câncer



Centro Oncológico em Araraquara

inicial, é sempre feito com o ato cirúrgico, após a cirurgia, o paciente passa por sessões de quimio ou radioterapia, onde o paciente recebe altas doses de medicamentos para manter-se estável e impedir que o câncer se prolifere para outras áreas do corpo. O tratamento não deixa grandes sequelas, sendo que um ano após o seu término o paciente volta a produzir espermatozoides produtivos, não afetando em nada na sua vida sexual.

Até 1970, cerca de 98% dos casos eram fatais, pela falta de recursos e por não se conhecer a fundo a doença. A partir de 1974, o câncer começou a ser estudado profundamente, hoje praticamente 90% dos casos são curados com a ajuda da quimio ou da radioterapia. Porém, assim como qualquer outro câncer, quanto mais cedo se diagnosticar o tumor, mais chances o paciente tem de sobreviver.

Biomedicina da Uniara descentraliza atendimento do SUS

“Os docentes são altamente qualificados, a maioria são doutores”

Flávio Darini

O curso de Biomedicina da Uniara é, atualmente, o responsável pelo Laboratório de Análises Clínicas da Santa Casa de Misericórdia de Araraquara. Além disso, os alunos do curso realizam atendimentos laboratoriais e de análises clínicas nas unidades básicas de saúde. Os médicos dessas unidades solicitam de seus clientes exames para complementação de diagnóstico no município.

Segundo o Prof. Orivaldo Pereira Ramos, coordenador do curso, o laboratório da Santa Casa está sendo reformado e reestruturado para melhor atender o cliente do SUS (Sistema Único de Saúde).

Orivaldo resume as mudanças em dois aspectos: “Atento às formalidades, como valor psicológico, os pacientes são chamados de clientes. Os aparelhos para análise de laboratório que estavam sendo usados não agüentavam a rotina laboratorial, por isso, houve a necessidade de investi-

mento em equipamentos”.

Os docentes do curso são altamente qualificados e os funcionários do laboratório passam por um programa de educação continuada que faz parte do controle de qualidade que está sendo implantado.

Para o período de estágio, o acompanhamento docente junto aos alunos é fundamental e serve para diluir uma possível desconfiança do cliente em relação ao atendimento feito pelo aluno. Ao mesmo tempo, o acompanhamento do professor incentiva o estudante. “As aulas de laboratório são fundamentais para

a formação, o curso é ótimo em relação às faculdades públicas e privadas, com aproveitamento acadêmico de cem por cento”, afirma o aluno do quarto ano Fabrício Galatti.

Segundo o professor Fábio Botteon, do curso de Biomedicina, “as unidades básicas de saúde seguem as normas de segurança; além dos aparelhos para análises clínicas, existem os equipamentos de automação das áreas de hematologia, bioquímica e análise de gases”.



Aluno coleta sangue de paciente do SUS

Políticos falam como iniciar na carreira

Mandato de vereador é o mais concorrido e só popularidade não vence eleição

Fenanda Stella Cavicchia

Filiação partidária, popularidade e trabalho em comunidade são elementos apresentados por políticos de Araraquara para quem deseja iniciar uma carreira política.

De acordo com o presidente do diretório municipal do PT, José Eduardo de Oliveira, dentre todos os cargos políticos, eleger-se para uma vaga no Legislativo é o mais difícil, devido ao grande número de concorrentes e a popularidade exigida. Em um município como o de Araraquara uma pessoa precisa de 1.200 a 1.400 votos para se eleger. “Isso significa o número mínimo de pessoas que um candidato tem de conhecer, pois nem todos os conhecidos são seus eleitores”, afirma Oliveira.

Os interessados em candidatar-se devem primeiramente procurar o partido com o qual se identificam

ideologicamente e filiar-se pelo menos um ano antes do pleito. A escolha dos candidatos é feita pelos próprios partidos por meio de convenções e obedecendo a critérios pré-estabelecidos como o de popularidade, de prestação de serviços e referência. “O presidente de um diretório acadêmico ou de um grêmio estudantil, por exemplo, acaba construindo uma base de apoio e tornando-se uma referência”, afirma.

Dentre as funções de um vereador está a criação de projetos de lei, serviços à comunidade e o poder de fiscalizar e apurar denúncias relativas ao poder executivo.

O conselho do presidente da Câmara Municipal de Araraquara, Eduardo Lauand (PMDB), aos que desejam fazer carreira política, é o engajamento na prestação de serviço social. “O candidato se sobressai e acaba ganhando uma importante popularidade para disputar uma eleição.”



Presidente da Câmara de Araraquara Dr. Eduardo Lauand

Quero ser vereador: o que fazer?

De acordo com a Constituição Federal – artigo 14, parágrafo 3º, incisos de I a VI, que regulamentam as condições de elegibilidade – para ser vereador é preciso:

1. Ser brasileiro;
2. Estar no pleno exercício dos direitos políticos;
3. Ser eleitor;
4. Morar no município onde está disputando a eleição;
5. Ser filiado a um partido; Ter idade mínima de 18 anos.

Deputada Federal pede proteção à mulher

Em evento da Andifes, Iara pede ajuda às Universidades



Iara Bernardi: “A universidade precisa assumir o seu papel”

Samira Manfrinato

Durante evento realizado em São Carlos pela Andifes (Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior) no início de março, que reuniu reitores do Brasil, a deputada federal Iara Bernardi (PT) fez um apelo para que as universidades brasileiras assumam um papel representativo na elaboração de ações voltadas para a defesa da mulher em todo o país.

Ela lembrou que o Congresso Nacional aprovou a lei do deputado José Maurício Rabello (PL), sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que determina 2004 como o Ano da Mulher no Brasil, assumindo a Convenção da Mulher celebrada em 1979 pelas Nações Unidas.

“Não podemos deixar que as atividades e os debates em defesa da mulher se limitem ao dia 8 de março. O Brasil deverá ter ações para o ano todo e aí cabe tanto ao executivo e legislativo nas três esferas governamentais e as entidades representativas da sociedade como, a universidade brasileira, debater o tema, propor pesquisas, ações e colocá-las em prática”, afirmou.

Segundo Iara, umas das princi-

pais tarefas da bancada feminina no Congresso Nacional, que têm 45 deputadas e 8 senadoras, é o aperfeiçoamento das leis. Apesar do Código Civil Brasileiro ser bastante avançado em relação aos direitos da mulher, a deputada defende uma legislação mais abrangente que previna o crime, seja no assédio sexual, na violência doméstica ou nas mais variadas formas de discriminação feminina existentes na sociedade. (Leia texto nessa pági-

na). “Processos e ações referentes à violência contra as mulheres são tratados pelo poder Judiciário como uma questão menor”, disse ela, propondo que uma das alternativas seria a reforma no poder Judiciário brasileiro, uma tarefa que, segundo ela, vem sendo debatida em todo o Brasil.

Os municípios também foram chamados pela deputada para prevenir a violência contra as mulheres. “É aqui (no município) que precisa ter a delegacia da mulher, uma casa abrigo e toda estrutura de apoio à mulher. O Brasil é signatário da Convenção da Mulher, então temos que colocar essas ações em prática”.

O município de São Carlos conta com o Conselho Municipal dos Direitos das Mulheres, uma Delegacia da Mulher e, desde 2001, com a Casa Abrigo das Mulheres vítimas de violência doméstica que, segundo a vice-prefeita e Secretária Municipal de Cidadania e Assistência Social, Rosilene Mendes dos Santos, tornou-se uma referência no Estado. Ela explicou que mulheres de outros municípios como Ibaté e Descalvado também são atendidas recebendo segurança e orientação.

Números da Violência

Se adotarmos a população mundial como tendo mil habitantes...

- 49,7% é o percentual de mulheres na população mundial
- 47% das mulheres tiveram sua primeira relação sexual feita a força
- 85% das zonas de conflitos armados no mundo tem casos de tráfico de mulheres e crianças
- 80% dos refugiados de guerras são mulheres e crianças
- 70% das mulheres assassinadas são vítimas de seus parceiros;

- 51% das pessoas no mundo portadoras da Aids ou do vírus HIV são mulheres
- 28 países da África registram casos de mutilação da genitália feminina
- 54 países tinham no ano de 2033, leis discriminatórias contra as mulheres
- Cerca de 27% das mulheres brasileiras são chefes de família.
- 50% das mulheres brasileiras ainda sofre violência física.

Fontes: ONU (Organização das Nações Unidas) e Anistia Internacional.

Partidos apostam em mulheres para as eleições de 2004

Patricia Magalhães

A participação efetiva das mulheres na campanha à Câmara Municipal de São Carlos para a próxima legislatura aumentou desde a última eleição municipal. Segundo a vereadora e pré-candidata Diana Cury (PMDB), em 2000 o partido local tinha apenas duas candidatas e agora já tem cinco e espera que esse número aumente. Para Diana, a participação da mulher é um desafio que deve ser enfrentado. “Temos que desmitificar e acabar com o preconceito do pensamento dominante”.

Além do PMDB o PT e PSTU também afirmam que o papel da mulher na política tem grande importância, por isso asseguraram a cota de 30% para candidatas mulheres, mínimo exigido pela lei 9.504/97.

A quantidade de candidatos permitida por partido é o número atual de vereadores (21) no município, com acréscimo de 50% - mais 11 candidatos. Dos 32, dez devem ser mulheres. No caso de coligação, o acréscimo é de 100% e o número de candidatos passaria a 42, dos quais 13 deveriam ser mulheres.

“A campanha custa caro, mas não é um empecilho. O trabalho comunitário e o contato pessoal são elementos fundamentais para disputar a eleição. A gente precisa fazer o ‘corpo-a-corpo’, estar perto da população”, afirma Diana.

A presidente do diretório municipal do PT de São Carlos e candidata à reeleição para uma vaga na Câmara, Géria Montanari, tem grandes expectativas no aumento de mulheres nas eleições deste ano, já que em 2000 três vereadoras do PT foram eleitas. “As mulheres entraram para valer na representação política”.

O vice-presidente do PSTU, Eraldo Strumiello, que não descartou a possibilidade de ter uma mulher na disputa do plei-

“Temos que desmitificar e acabar com o preconceito do pensamento dominante”.

to majoritário, acredita em um aumento do número de mulheres na Câmara Municipal. “A mulher ocupa um espaço relevante na sociedade”, defendeu.

A representatividade feminina no Legislativo de São Carlos ainda é baixa, mas os partidos querem reverter esse quadro nas próximas eleições garantindo a cota de 30% reservada por lei para a participação da mulher na disputa proporcional.

Na política, mulher tem vaga

A lei 9.504/97 determina que um partido deve lançar 70% dos candidatos de um único sexo. Segundo o juiz eleitoral de São Carlos, João Batista Galhardo Junior, a maioria dos candidatos é homens o que acaba sobrando 30% para as vagas de mulheres. “Se um partido tem 100 candidatos, por exemplo, ele não vai poder lançar 80 candidatos homens e 20 mulheres. Ele tem que atingir 70% com a vaga de homens e lançar os 30% para as mulheres”, explicou.

Desde a entrada da lei em vigor, em 1997, a participação das mulheres na disputa eleitoral vem aumentando, no entanto, segundo Galhardo, a lei não faz essa distinção, mas determina a mistura de sexo. “A prática acaba demonstrando que a grande maioria no registro de candidaturas é homem, mas existe um limite que é de 70%”, concluiu.

Amizade na relação entre mães e filhas

Quando há cumplicidade não importa a diferença de idade

Nádia Priscila De Chico

A relação entre mães e filhos, torna-se mais tumultuada na fase da adolescência, quando os jovens buscam formas de encontrar sua própria identidade. Os jovens de hoje têm mais informações e dúvidas do que antigamente, e colocam os pais muitas vezes, em situações delicadas por terem que responder suas dúvidas, causando muitos conflitos, principalmente entre mães e filhas.

De acordo com a psicóloga Ana Keila Salviato Rett, a mulher, no papel de mãe, é a base da família, é ela que estrutura o lado emocional de uma casa, precisando sempre estar presente na vida dos filhos, para que na fase da adolescência o filho não sofra com traumas ocasionados por uma educação muito rígida ou por uma educação muito liberal.

Segundo Sônia Cristina Carminatti, 36 anos, que engravidou aos 22 anos de Giovanna Carminatti, hoje na fase



Cumplicidade: mãe e filha rompem as barreiras do parentesco

da adolescência, com 14 anos, que procura sempre se mostrar a melhor amiga da filha, dando liberdade para conversas, devido ao fato de ter tido muitas privações em sua época de adolescente. “Fico perguntando tudo para ela, até ela me contar; implico muito com a aparência física dela, quero que ela se cuide esteticamente”. diz a mãe. A filha desabafa: “Eu não escondo nada dela, mas às vezes ela quer

saber demais, além de pegar meus brincos e querer que eu faça tudo do jeito dela, e por isso nós brigamos muito”

A psicóloga Ana Keila explica que, quando uma mulher é mãe muito jovem, ela ainda é imatura e despreparada para essa função. “A mãe e a criança vão juntas aprender, podendo ter muitas brigas e dificuldades; que uma mulher com mais experiência não pre-

cisaria passar por isso”, afirma.

Isso não é o que acontece entre Inês Aparecida Faxina Rodrigues, que dez anos depois de ter criado quatro filhos, teve, aos 36 anos, Carolina Rodrigues, de 13 anos. Inês explica que a criação foi igual para todos os filhos, a única diferença encontrada é que Carolina fica mais tempo com ela do que os outros filhos ficavam, e essa proximidade faz com que exista muita liberdade entre elas, o que facilita a conversa sobre a maioria dos assuntos que os jovens têm dúvidas.

“Eu sempre digo para ela que, antes de tentar imitar o que ela vê, deve perguntar se aquilo é agradável aos olhos de Deus. Não adianta ela fazer o que eu quero, ela tem que ter consciência do que é certo, porque no mundo lá fora tudo pode e não é assim.”, comenta Inês.

Para Carolina, a mãe está certa nas decisões que toma a seu respeito, e sempre escuta os seus conselhos, mas diz que a mãe implica muito com as músicas e com os programas de tv que ela gosta.

“Músicas e programas eu

pego no pé, mas não profbo; agora, se vejo que passa dos limites, eu dou uum basta”, diz a mãe.

A psicóloga explica que na relação entre mãe e filha é muito bom que exista conversa, mas as explicações não precisam ser tão completas, elas devem vir de acordo com as perguntas dos filhos. Isso se torna um pouco mais fácil para mães que já têm experiências anteriores com outros filhos do que para uma mulher que se torna mãe jovem, pelo fato de ela ainda não ter vivido o suficiente para controlar esta situação.

No caso de uma mulher que se torna mãe pela primeira vez com mais idade, é mais comum criar o filho para ela e não para o mundo. Isto no futuro pode ter diversas conseqüências no comportamento dos filhos, que pode variar desde a rebeldia até a insegurança.

“É preciso deixar claro que, apesar de amigas, quem manda é a mãe, porque dar muita abertura pode causar uma ansiedade muito grande, fazendo com que a adolescente crie muitas fantasias”, conclui Ana Keila.

Nunca é tarde para começar

Janaina de Fátima Lourenço

Os grupos da Terceira Idade já são uma realidade em várias cidades da região. Monte Alto (SP) conta com três grupos, o MIMA (Movimento dos Idosos de Monte Alto), o CLAMA (Clube da Amizade de Monte Alto) e a Velha Guarda.

Esses grupos têm oportunidade de se encontrar e formar um único núcleo no Centro de Convivência da Melhor Idade, que é uma iniciativa da Prefeitura de Monte Alto.

“O Centro está aberto para todas as pessoas, independente de fazerem parte dos grupos da Terceira Idade”, diz o assessor do Centro João Senema.

No Centro os idosos tem aulas de vôlei, hidroginástica, bocha e dança. Todos têm acompanhamento de professores e são submetidos periodicamente a exames médicos realizados pela rede pública de saúde. Para os médicos, os exercícios físicos são indispensáveis, pois evitam algumas doenças e ajudam a combater muitas outras como o diabetes, hipertensão e colesterol, além de contribuir para a parte psicológica, ajudando os idosos que têm depressão.

A coordenadora do Centro de Convivência Maria Aparecida de Oliveira Colatrelli explicou que as atividades são oferecidas gratuitamente para os idosos que participem das aulas, e que além dos esportes eles contam com aulas de teatro, coral e jogos em geral, e dentro de pouco tempo terão também aulas de pintura e oficinas diversas.

Os idosos aprovaram com unanimidade o Centro, e muitos deles disseram que foram curados de doenças musculares, diminuíram o consumo de remédios, e a disposição deles aumentou.

“Graças ao Centro e aos amigos que eu fiz lá, a minha vida mudou, antes eu era preguiçoso e não gostava de fazer nada, vivia com dores nas pernas e tomava um monte de remédio já hoje, participo de jogos em outras cidades, tendo a

bocha como a minha paixão, não sinto mais dores e os remédios que eu tomava diminuí pela metade” diz o aposentado de 75 anos Pedro Mistim.

A animada integrante do grupo da Velha Guarda e também frequentadora assídua do Centro de Convivência Piedade Augusta do Nascimento Santos de 69 anos se emocionou ao conhecer a praia pela 1ª vez no ano passado juntamente com as amigas “Me senti uma criança, brincando na areia e pulando as ondas” diz.

A presidente do MIMA e conselheira do Conselho Estadual do Idoso, Olímpia Tavares, afirmou que o Centro de Convivência foi a melhor coisa já criada para os idosos, pois há muita integração entre Monte Alto e outras cidades como Pirangi, Agulha, Santa Adélia, Ribeirão Preto e outras, tornando-se um estímulo para a vida, pois há jogos, brincadeiras dançantes, viagens entre muitas experiências que eles estão tendo oportunidade de vivenciar pela primeira vez.



Alfabetização aumenta a auto-estima dos adultos

Educação promove a inserção na sociedade

Kelen Trevisan

“Posso dizer que o curso transformou minha vida”. Essa é a opinião de uma das participantes do Núcleo de Educação de Jovens e Adultos realizado pelos alunos do curso Normal Superior da Uniara, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação e com o Movimento de Alfabetização de Adultos (MOVA). Iracema Pegassim Reis, 74 anos, afirma que vários aspectos de sua vida se transformaram desde que começou a frequentar as aulas.

Araraquara (SP) possui atualmente cinco programas de alfabetização de jovens e adultos, o Movimento de Alfabetização de Adultos (MOVA) e o Programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA), que são oferecidos pela Prefeitura Municipal; o Programa de Educação de Jovens e Adultos (PEJA), realizado pelos alunos de graduação da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp; o Programa de Alfabetização Intensiva (PAI), disponibilizado pelo Sesi de Araraquara; e o Projeto de Educação para Adultos e Jovens de Araraquara (PROEJA), conveniado ao MOVA.

Joaquim Targino da Silva, 56 anos, participante do Núcleo de Educação de Jovens e Adultos, afirma ter perdido muitas oportunidades de emprego em função da falta de alfabetização. “Minha intenção é aprender a ler e a escrever corretamente”, diz.

Valmir Davi de Oliveira, gestor dos programas EJA e MOVA, diz que o que diferencia um programa do outro é que o MOVA trabalha com educadores voluntários, enquanto que o EJA com professores contratados pelo município.

O MOVA, por meio de parcerias com diversos setores organizados, atende atualmente 816 alunos, que são divididos em 54 salas de aula.



Aparecida: entusiasmada com o aprendizado

As salas possuem de dez a vinte alunos cada uma. Ultrapassando esse limite, outra sala é aberta. Para participar do programa é preciso ter idade acima de 14 anos, trabalhar ou residir na cidade e não ter completado a 4ª série. Não há prazo para que as inscrições sejam feitas.

Por outro lado, o EJA é responsável em atender 192 alunos que são divididos em seis classes. Para participar é preciso ter idade acima de 14 anos, nenhuma escolaridade ou ter cursado até a 4ª série incompleta. Quando há excesso de demanda, os alunos são encaminhados ao MOVA.

A necessidade de trabalhar obrigou Claudemir Gonçalves, 38anos, a deixar os estudos de lado. Hoje, alguns anos depois, ele diz que com os estudos poderá ter a chance de conseguir um emprego melhor. “Quero poder preencher um cheque, escrever meu próprio curriculum”, afirma.

Segundo a coordenadora local do PEJA, Roseane Costa Leite, as matrículas são feitas durante todo

o ano e qualquer pessoa pode participar do programa.

A vida no campo não permitiu que Aparecida Joaquim Areas frequentasse a escola. Depois de mais de setenta anos, e com o incentivo das filhas, ela resolveu enfrentar o desafio da alfabetização. “Para mim, esse curso é mais do que a oportunidade de aprender a ler e a escrever; é praticamente uma terapia, pois aqui tenho amigos e me distraio”, conta Areas.

Ela diz ainda que agora já é possível escrever receitas de bolo e passar para as amigas.

Ana Lúcia Bocanegra, monitora do Núcleo de Educação de Jovens e Adultos, afirma que não há uma previsão de tempo para que a pessoa seja alfabetizada, pois nem todos os alunos estão no mesmo nível. “Saber que pude ajudar algumas pessoas a conseguir realizar simples tarefas do dia-a-dia, como por exemplo, pegar o ônibus sem ter de pedir a ajuda de outros, é a melhor recompensa que eu poderia receber”, ressalta.